

Ilustração: Pedro Silva

***“Ele não está aqui,
Ressuscitou
como havia dito”***

Diante de Tomé, Jesus Cristo Ressuscitado deixou estas simples, mas motivadoras, palavras: *“felizes os que acreditam sem terem visto”*. Pois sejamos, então, felizes por procurar incansavelmente o que está oculto, por retirar os véus que cegam os nossos olhos e as atrofias que prendem as nossas pernas e braços. Não nos resignemos perante um sepulcro, mas fiquemos incomodados e impacientes pois *“Ele não está aqui, Ressuscitou como havia dito”* (Mt 28, 5-6).



Editorial

Páscoa é...

Carlos Nobre
Castor inteligente

Ao longo das nossas vidas são já muitas as vezes em que tentamos definir a Páscoa. Nós e os outros: pais, professores, chefes, padres, pregadores... Já dissemos e explicamos tudo, achamo-lo. Nós e os outros! Já todos contamos, representamos, comentamos e desenvolvemos este acontecimento chave da história da salvação e, no entanto, nunca o esgotamos. Há sempre mais para dizer, há sempre mais uma perspetiva para meditar, há sempre algo mais para nos fazer parar... e recomeçar!

Sem querer fazer vãs repetições, sabemos bem que a Páscoa é... passagem, caminho, movimento! Páscoa é... primavera, recomeço, é novo despertar! Páscoa são as flores, os cheiros, as cores! Páscoa são novos sabores, novas expectativas, dias a crescer! Páscoa é... luz, calor, é ardor! Páscoa é vida... exuberante, alegre, feliz!

Páscoa é... porque «Ele estendeu os braços e morreu na cruz»! Porque antes disse claramente: «ninguém me tira a vida, sou Eu que a dou!».¹

Mais do que um dia, a Páscoa é então um tempo, um tempo novo, um tempo em que já não somos nós a viver, mas Ele a viver em nós, uma vez que a Sua ressurreição nos eleva à condição de Filhos de Deus. E... ser Filho de Deus, não é uma coisa para se ser «às vezes»... Ou se é ou não se é! Pela Sua graça jamais o podemos deixar de ser!...

É este modo, esta nova categoria do ser, este degrau que nos faz ver mais alto e melhor, que nos permite viver uma alegria cândida, pura e imensa, como que, de repente, sem darmos de todo conta, não só somos já diferentes, como assim o somos vivendo... naturalmente!

A propósito, para que me possa explicar melhor, permiti que partilhe esta pequena história: «Há muito tempo, numa sala de teatro, cheia de gente que ali se deslocou, foi representada uma peça teatral. Decorreu esta representação numa aldeia, onde muitos dos seus habitantes eram analfabetos ou com pouca cultura. Cerca de duas horas depois, quando chegou ao fim a representação, ao descer a cortina sobre o palco, a ação fechou com uma frase em francês. Espanto geral numa plateia que não entendia aquela língua! Então alguém perguntou, em voz alta, se entre os presentes havia quem falasse francês. Foi então que, do meio da sala, um dos assistentes se levantou e disse em voz bem alta: *je*».²

Como é próprio do nosso tempo, sabemos de tudo, sobre tudo e temos opinião acerca de tudo... mesmo sem, verdadeiramente, conhecermos as diversas matérias e assuntos em que intervimos. É demasiado pouco elevarmos a nossa voz, atrairmos a atenção (sobre nós próprios) e falarmos sobre... a Páscoa. É que a Páscoa, não é mais saber falar, mesmo que algo de novo, mas tão só, viver já e agora, esse «*novo*»...

(1) Jo 10, 18-19

(2) Pacheco de Andrade, in *Ponto de Vista* – Voz Portuguesa nº 9/2012 (adaptado)



Sentinela II – Sem retorno não há avaliação

João Costa
Leopardo guloso

Refletir seriamente sobre os nossos contextos de formação implica não termos medo de pensar (ou avaliar) o que correu menos bem na história dos nossos cursos. Sabemos que há muitos casos, em cursos de diferente nível (regional ou nacional) em que os adultos fazem os seus trabalhos e acontece uma de duas coisas, às vezes ao mesmo tempo: ou não ouvem nada do seu formador durante vários meses, ou descobrem que são qualificados sem nunca terem ouvido qualquer comentário aos seus trabalhos. Ainda mais grave, por vezes definem-se interessantíssimos percursos de avaliação, como visitas de estágio, observação de práticas, mas por falta de tempo de avaliadores, formadores e tutores, nada acontece e tudo é substituído por um relatório ou por uma informação escrita do Chefe de Agrupamento.

Lembro-me de uma discussão numa reunião de formadores em tempos em que, perante um curso finalizado, um lado da discussão dizia que os formandos tinham sido qualificados sem ter havido avaliação (era o meu lado), e o outro lado dizia que tudo estava bem, porque tinha havido avaliação. Qual era o foco da discussão? O diretor do curso, que o tinha finalizado e qualificado os seus formandos, dizia que tinha havido avaliação porque os formandos tinham produzido trabalhos, que tinham sido corrigidos e classificados pela equipa formativa. Eu insistia que não tinha havido avaliação, porque os formandos entregaram os seus trabalhos, mas não tinham recebido qualquer retorno sobre esses trabalhos.

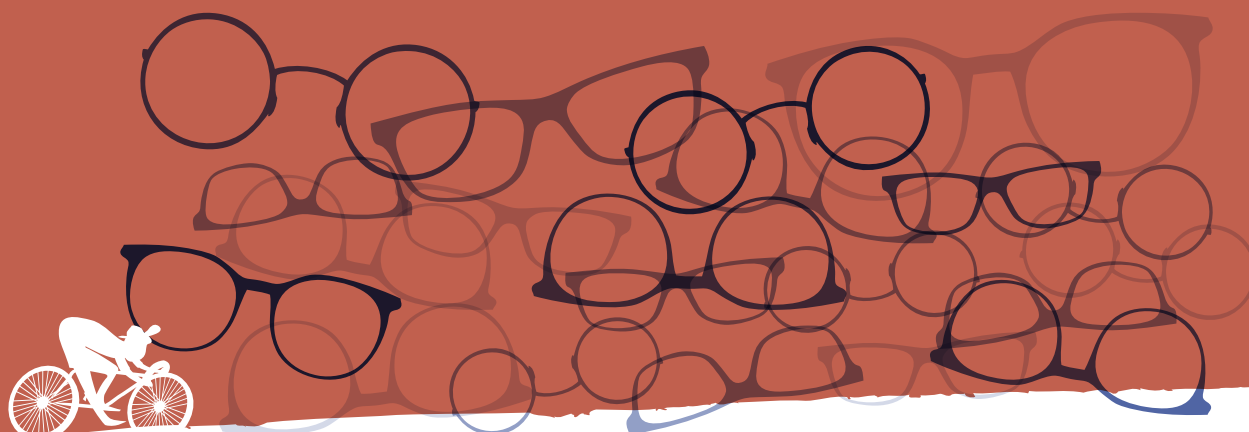
Voltemos àquilo que se pretende com a formação. O objetivo último da formação é dar instrumentos aos dirigentes para que as práticas se alterem nos agrupamentos. Sendo assim, pense-se no formando que faz um trabalho e não recebe qualquer retorno. Três cenários são possíveis: ou o formando assume que estava tudo bem – e nesse caso escusava de ter passado pelo processo avaliativo, dado que não há qualquer alteração de práticas a introduzir; ou o formando não se preocupa com o processo e se satisfaz com a qualificação – e nesse caso toda a máquina formativa sai prejudicada, porque o formando se apercebe que o trabalho foi inútil; ou, pior cenário possível, o formador preocupou-se apenas com o cumprimento de entrega dos trabalhos no tempo esperado e não se preocupou com a sua avaliação – este é o caso pior, porque temos um formador que se deixou substituir por um burocrata sem qualquer vocação para a alteração de práticas.

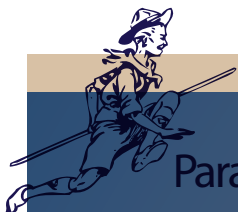
A avaliação sem retorno não é avaliação. É uma mera classificação de trabalhos entregues, ou a mera constatação de trabalhos entregues.

A conversão da avaliação num processo formativo obriga a que o formador indique ao seu formando quais os aspetos melhores, quais os aspetos que poderiam ser melhorados, quais os aspetos em que ele poderá considerar intervir no futuro. Esta "obrigação" traz implicações para a gestão dos cursos e dos instrumentos de avaliação. Quando, como formador, me obrigo a dar retorno, vejo-me obrigado a gerir a avaliação de tal forma que me seja possível dar feedback adequado. Para tanto, não será possível exigir dos formandos quantidades absurdas de trabalhos, porque não terei capacidade de me sentar com cada um dos meus formandos e comentar detalhadamente os resultados de cada um.

De igual modo, só serei capaz de contribuir de forma construtiva para o processo formativo se me encontrar apto para dar o retorno adequado. Um formando consciente não se contenta com comentários impressionistas ou vagos – ele quer observações concretas, sugestões práticas e ferramentas precisas para melhorar a sua ação. Esta capacidade de providenciar um retorno deste tipo obriga a que os diretores de curso tenham muito cuidado na escolha de quem convidam para acompanhar trabalhos ou para ser tutor de formação.

Perguntamo-nos às vezes por que motivo os formandos não vêm aos cursos. Hão de vir todos aqueles que encontram nos formadores gente capaz de partilhar e orientar para uma prática melhor. Um pequeno trabalho ou uma observação de práticas bem conseguidos, bem comentados e recheados com troca de experiências e sugestões têm um impacto muito maior do que uma qualificação às cegas e desprovida de sentido.





Para lá da cerca

A importância da educação para a boa ação numa sociedade em crise (ética e económica)

† Jorge Ortiga, A.P.

O discurso sobre a crise acontece todos os dias e a sua repetição pode até causar cansaço e desinteresse. Acontece que as consequências da mesma são graves e afetam milhares de portugueses. Tendo consciência desta realidade, urge mudar o “disco” para que os discursos não nos cansem, pois importa descobrir sinais de esperança!

Daí que seja imperioso suscitar uma corrente educativa, que englobe adultos e jovens, como sinal positivo duma intervenção ativa que, talvez inconscientemente, vá respondendo a estes problemas. Falar não é difícil. Importa criar uma corrente de gestos que comprometa e seja verdadeira solução. A dimensão dos gestos é secundária, uma vez que as coisas que parecem pequenas, multiplicadas todos os dias e por muitos, tornam-se grandes e geram um ambiente que compromete e rompe com a indiferença ou, o que é mais frequente, pelo *deleguismo*, no sentido de esperar que a resposta venha doutro lado, seja do Estado, da Igreja ou das Associações. Todos e cada um são responsáveis pela situação a que chegamos. Por isso, todos terão de ser agentes de iniciativas concretas.

Na verdade, trata-se duma verdadeira aventura educativa, dado que urge um novo modelo de comportamento perante a vida. Para isso os princípios e valores devem voltar a ser discutidos, de modo que sejam assimilados e estruturam o agir quotidiano de muitas pessoas. Parece ser de moda viver de harmonia com os gostos e apetites. Sabemos, porém, que as personalidades se estruturam a partir de valores que, posteriormente e em termos duma coerência constante, vão marcar a vida.

Foram-nos inculcando a ideia dos direitos esquecendo a responsabilidade dos deveres, e os grandes impérios comerciais geraram a ideia duma felicidade alicerçada naquilo que se tem, para usufruir no imediato. Impôs-se o consumo arbitrário e, muitas vezes, de coisas supérfluas e desnecessárias. Cada um olha para si e deixa-se conduzir pelo espontâneo. Entraram inconscientemente no modo de viver e interpretar a felicidade, coisas sem consistência e profundidade.

Como tal, emerge a urgência duma verdadeira educação para uma responsabilidade ética no sentido de, trabalhando pelo bem estar

peçoal, cada um se responsabilize pelo bem comum, ainda que seja à custa de sacrifícios e renúncias. O bem comum consegue-se por aquilo que se pode dar em termos materiais: trata-se duma solidariedade ativa a que ninguém deveria fugir. Mas, e isto é fundamental, os pequenos gestos de doação pessoal são um contributo ainda mais precioso. O dar-se é uma questão de querer. Daí que importe incidir na vontade com uma educação que propõe princípios e inculca uma vida em consonância com os seus conteúdos.

O egoísmo reinante combate-se com a responsabilidade de **dar** e de **dar-se**. Os dois aspetos são essenciais e fundamentais para uma sociedade mais justa, fraterna e, particularmente, com futuro.

Na necessidade urgente duma educação para o bem comum, o escutismo coloca nos seus princípios uma afirmação que não pode ser vista como retórica, aprendida inconscientemente, pelos seus membros. Trata-se duma realidade que, interpretada a sério, enriquece quem a vive e pode tornar-se uma “luz” provocadora, fazendo com que muitos acreditem e vivam a grandiosidade das coisas que parecem pequenas. Isso resume-se ao terceiro artigo da lei do escuta: “o Escuteiro pratica diariamente uma boa ação”.

Parece uma coisa pequena. Quando se ousa acolher as suas exigências, verificamos que encerra dentro de si uma proposta de felicidade para quem não se esquece de a pôr em prática, e manifesta uma força capaz de renovar o habitat que rodeia. Pode ser uma pequena estrela a indicar caminhos dum novo humanismo, tão necessário para os tempos que correm.

Daí a importância de educar os jovens para a lógica do fazer o bem através de coisas concretas. Falando da educação, sabemos que ela passa pelos discursos que ensinam, mas que se torna mais condizente – e os jovens precisam de ver coisas diferentes – quando testemunhada por quem as comunica. Quando esta arte de comunicar – pela palavra e pelo exemplo – acontece, sabemos que a repetição diária vai criar hábitos que, vivendo fora deles, fazem-nos sentir mal. Logo, educar entrou na vida e faz com que o escuteiro o seja para a vida inteira, não só na recordação, mas também na vivência dos princípios. Deste modo, com o repetir-se de pequenas ou grandes ações, a sociedade começa a mudar-se.





A propósito, queria recordar um pensamento de António Gala:

“Os seres humanos são desajeitados, radiantes, competitivos, suicidas, indigentes, inesgotáveis, mesquinhos, maravilhosos, egoístas e impossíveis de substituir. Os seres humanos são simultaneamente Caim e Abel. É o que temos. É a única coisa da qual podemos depender. Somos feitos da humildade e gloriosa madeira dos sonhos. E com essa madeira, tanto podemos construir um altar como um cadafalso.”

A vida é este enigma. Com a liberdade nas mãos podemos tornar o mundo um local de suicídio coletivo ou um hino de louvor cantado na luta pela dignidade de todos: é uma opção! Eu apostaria pela aventura de acreditar que nada é pequeno daquilo que é feito com e por amor. E, pensando nos jovens, ousou pedir-lhes o que o Papa apaixonado pela juventude (Beato João Paulo II) dizia: *“Caros jovens, cultivai a atração pelos valores e pelas escolhas radicais que fazem da existência um serviço aos outros”*. Para servir não é apenas um lema. É um caminho diário de que o mundo necessita.

Educar pode significar então um compromisso, assumido responsabilmente, no sentido dum verdadeiro desenvolvimento humano. Não necessita de ter “professores” ou “mestres” exteriores. Basta deixar-se conduzir por exigências que determinam um ideal. Cada um saberá como o fazer, na certeza de que urge mudar o paradigma da sociedade, substituindo o interesse do agir desenfreado pelo bem comum. Esta é a tarefa que falta e o escuteiro pode realizar e educar os outros para que o façam.

Em jeito de conclusão, deixo ainda um pensamento responsabilizante que circula de mão em mão, escrito por Cândido Nicola:

*“Dá de ti!... Quanto puderes!...
O talento... a energia... o coração...
Dá de ti para os homens e mulheres como as árvores dão.
Não somente o sapato que não queres e a capa que não usas no verão.
Dá sem ser notado sem que ninguém te diga... obrigado
E te deva dinheiro ou gratidão.
E com espanto notarás um dia
Que vieste fazendo economia.
De talento! De energia! E coração!”*

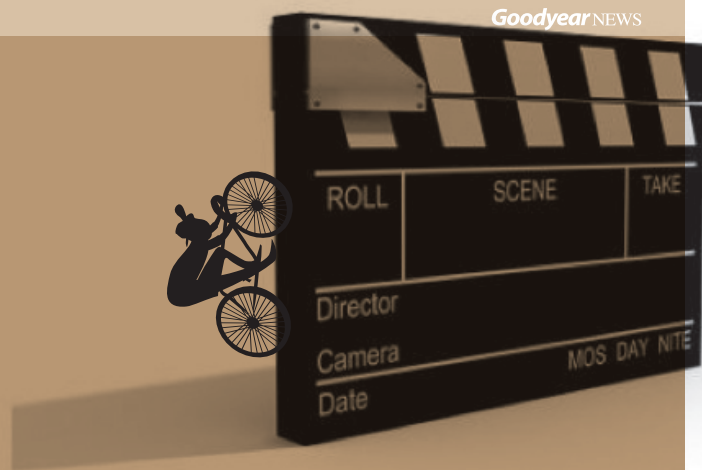
Vamos continuar a falar de crise? Sabemos que não a podemos ignorar. Também reconhecemos que ela não afeta somente a dimensão material da vida. A causa da atual situação está noutro lado. A saída da crise também deverá ser procurada, por cada um, na redescoberta de novas soluções. Acredito que, dando vida a determinados princípios, estamos a criar as condições para uma sociedade mais justa e fraterna!



Técnicas

And the Oscar goes to...

Nuno Silva
Grilo falante



“Num filme o que importa não é a realidade, mas o que dela possa extrair a imaginação.”

Charles Chaplin

Apesar da sua invenção nos finais do Século XIX, foi só durante a segunda grande guerra que o filme foi utilizado, pela primeira vez, como recurso didático. O audiovisual, depois de ter atravessado os mundos do documentário, informação, entretenimento e até mesmo propaganda, tinha chegado à instrução (neste caso militar)!

Na altura, eram contratados atores e feitas produções próprias para colocar em evidência situações, problema, casos complicados, exemplos de como proceder ou que estimulassem a reflexão e a discussão por parte dos instruendos. Ainda hoje há empresas que se dedicam à produção e realização de filmes pedagógicos¹, mas são raras e o seu custo (tanto de produção como de comercialização) é tão elevado que quase todos nós preferimos fazer o download de um ou outro vídeo do youtube. Quando muito utilizamos um filme (quase sempre um anúncio engraçado ou institucional) que nos foi enviado por mail...

E aqui começamos nós a falhar!

Onde é que já ouvimos isto?

Para criar um momento de descontração, para tornar a minha Unidade de Formação mais criativa, para ilustrar um pouco melhor o que quero dizer, que tal passar um filme na minha sessão? Já ficava com um momento alto e até fazia um brilharrete... tenho é de encontrar o filme certo... Conheces algum?

De facto, a utilização dos filmes (sejam eles anúncios, documentários, longas metragens, vídeos institucionais ou mesmo filmes pedagógicos) no decurso das nossas sessões de formação é algo muito comum e uma prática bastante estimulante e facilitadora do processo de aprendizagem... mas tem de ser bem feito!

Nunca vos aconteceu estarem numa formação onde o formador começa com um filme que já conhecemos? E nesse momento, em que é que pensamos? “Já conheço o filme”, “Que falta de originalidade”, “O formador não quis foi ter trabalho”, “Mas para que é que isto serviu?”. E o formador convencido que o seu filme foi o momento alto da formação...

Ora, um filme pode ter diferentes funções, dependendo do momento em que for utilizado:

- **No início das sessões:** Serve para sensibilizar os formandos para os temas a abordar na nossa sessão. Também pode servir para estimular e motivar os formandos para o decurso da mesma. Nesta altura evite utilizar o filme para fazer os formandos rir... é perigoso (pois estamos no início e os formandos podem já conhecer o filme).
- **Durante a sessão:** Serve para o formador apresentar ou exemplificar os conceitos que quer trabalhar. Também pode servir de ‘estudo de caso’ que estimule a discussão, a reflexão e a resolução de problemas por parte dos formandos. Esta é a minha função preferida e a que eu costumo utilizar mais frequentemente!

- **No final da sessão:** Para sintetizar ou relembrar os conceitos abordados no decurso da formação. Também pode ser utilizado para demonstrar ou exemplificar a forma ‘correta’ de atuar (ou de resolver o problema).

Em qualquer dos momentos, há algumas técnicas que devem ser respeitadas:

- O filme escolhido tem de ter um objetivo! Não apresentes um filme só por apresentar ou porque lhe achaste piada. Se pedes aos teus formandos um esforço (mesmo que seja a concentração durante alguns minutos da vida deles), tens de o fazer valer a pena!
- Nunca demores mais do que 15 – 20 minutos a visualizar um filme. A capacidade de concentração de um adulto, em média, não é superior a este espaço temporal. Caso o filme seja longo, faz pausas e chama a atenção para os pontos mais importantes. Ou, melhor ainda, põe os formandos a descobrir esses pontos!
- Tem em atenção a qualidade técnica do filme (som, definição, qualidade da imagem). Não há nada mais frustrante do que ver um filme onde não se ouve o som. Ou falado em inglês e sem legendas.
- Também não visualizes filmes em écran reduzido... visualiza os filmes de modo a ocupar todo o écran... tal como no cinema!
- Testa tudo antes da sessão começar... os minutos que se perdem a ver o formador a ‘arranjar o som’ ou a fazer o download dos ‘codecs’ desmotivam qualquer um!
- Não visualizes filmes a partir da Internet. Nem sempre há rede e, quando há, ela nem sempre é suficientemente rápida. Quem já foi formando sabe o quanto é desesperante ficar 20 minutos à espera que o Youtube ‘carregue’ para vermos um filme de 2 minutos (Grrrr)! Há programas gratuitos², disponíveis na Internet, que nos permitem fazer o download de filmes diretamente do youtube. Fá-lo previamente e poupa os teus formandos ao martírio.
- Não utilizes filmes que te chegaram por mail... se chegaram a ti, o mais provável é que também tenham chegado a, pelo menos, dois dos teus formandos!
- Não utilizes o Filme Pedagógico nos primeiros instantes da manhã, nem depois das refeições.
- Não escureças totalmente a sala. Se houver janelas, podes fechá-las mas acende uma das luzes do teto.
- Nunca, mas nunca saias da sala!

Mas, se repararmos com atenção, praticamente todas estas regras começam pela negativa... e, normalmente, os Óscares vão para os melhores, não é? Assim, aqui te deixo algumas sugestões para que possas desfilas pela passadeira vermelha nas tuas sessões:



- Cria tarefas para os teus formandos desenvolverem à medida que vão visualizando o filme. Distribui um enunciado com os personagens e pede para eles os caracterizarem; irem identificando os casos em que determinada personagem comete um erro grave; etc.
- Após a visualização do filme põe os formandos a trabalhar em grupo para que este chegue às conclusões pretendidas. Os grupos que elejam porta-vozes.
- Vê muitos filmes. Não esperes que os filmes venham ter contigo³! Só vendo muitos filmes é que podes encontrar 'aquele' que é exatamente o que procuravas. Nem imaginas a quantidade de situações interessantes que podemos encontrar nas 'grandes metragens'⁴.
- Procura blogs e sites de referência. Para filmes pequenos, eu gosto dos sites de Marketing e de Design.⁵
- Faz os teus próprios filmes! Qualquer câmara digital tem um modo de gravação de filmes... porque não juntar uns amigos (ou desafiar um Clã) e trabalhar um conteúdo mais complicado? Eu gosto de fazer os meus filmes para utilizar no primeiro passo do método demonstrativo!
- Podes, depois, utilizar o 'moviemaker' para editar os teus filmes⁶! O programa vem por defeito com o Windows e é extremamente fácil de utilizar. Podes também utilizá-lo para separar a cena que descobriu na última longa metragem que viu ou para acrescentar letras, música, fotos, legendas... e assim não corres o risco de alguém já ter visto o filme, pois não?

Em jeito de conclusão temos de ter em atenção que o filme deve ter um propósito e ser entendido como uma técnica do Método Ativo! Ou seja, deve ser algo que ponha os formandos a refletir e a trabalhar sobre os conteúdos nele apresentados. Tem de ser um filme que acrescente algo à formação e em torno do qual ela se vai desenrolar e não uma muleta ou um tábu de salvação. O filme não deve servir para 'encher' o tempo, nem para disfarçar o fraco domínio dos conteúdos por parte do formador. O filme não deve servir para criar um momento alto nas nossas Unidades de Formação!

Por outras palavras, o Óscar tem sempre de ir para o Grupo ou para o Formador, nunca para o filme...



Bibliografia

"Recursos Didáticos na Formação" – IIEFP

Ribeiro, C. P.; Dias J. P. & Relvas, L. "Os meios Audiovisuais na Formação", Coleção Aprender - I.E.F.P.

(1) Uma das mais conhecidas no nosso País é a Nova Etapa. Podem consultar o seu catálogo em: http://www.nova-etapa.pt/categoria.php?id_categoria_new=3&id_pais_new=1

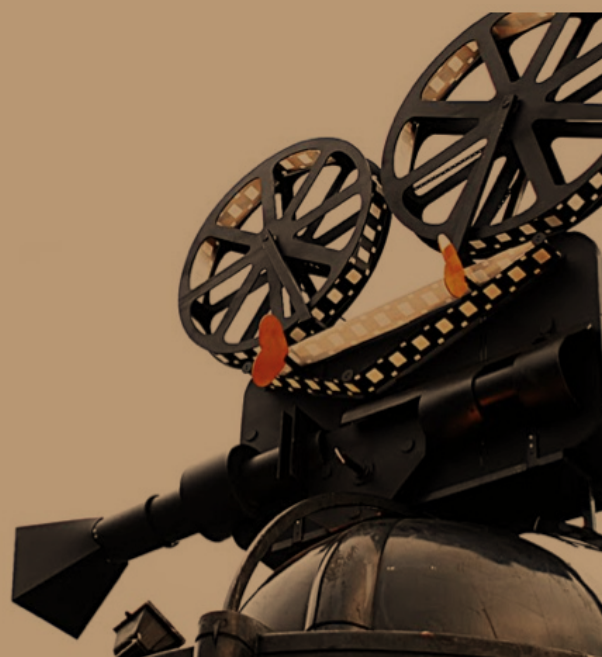
(2) Experimenta escrever no Google qualquer coisa como: «Free YouTube Download»

(3) Consulta a Mediateca do IIEFP, disponível em <http://www.iefp.pt/iefp/Mediateca/Paginas/Home.aspx>. Podes proceder ao levantamento de filmes pedagógicos de forma gratuita! Tal como numa biblioteca...

(4) A maior base de dados de filmes disponível na Internet: <http://www.imdb.com>

(5) Veja este <http://www.gogojob.com.br/secoes/acontece>. De um grupo de designers brasileiros, está sempre atento ao que de melhor acontece no mundo da publicidade e do design! Tem filmes deliciosos...

(6) Eis como a própria Microsoft nos ensina a fazer os nossos filmes: <http://www.microsoft.com/brasil/windowsxp/using/moviemaker/making/default.mspx>





Depoimentos de Formadores

O papel da relação humana na formação de adultos

António Rendeiro

Aguia veloz

Todos nós, ao longo da vida, desempenhamos com alguma intensidade a função de formador. Seja com mais ou menos consciência do papel que nos propusemos na altura, seja de um modo um pouco mais de contacto e convívio entre pessoas, procuramos, de um modo geral, influenciar a pessoas com as quais estamos em contacto. Mais discursivo, ou mais à base de ações, procuramos levar os outros a seguir um determinado pensamento ou conhecimento que achamos o mais correto.

Se tentamos influenciar os outros, justificando as nossas ideias e maneira de pensar, dando ao mesmo tempo liberdade de escolha de acordo com o modo de pensar de cada um, estamos, deste modo, a executar uma função de formador.

Aprender a viver juntos é considerado um dos suportes mais importantes no processo educativo nos dias de hoje. Esta realidade pode ser considerada como um dos pilares para a educação básica que valorize a cultura geral, a postura polivalente, a ética e a responsabilidade social.

Ou seja, o formador deve proporcionar o desenvolvimento pessoal, a capacidade de iniciativa, discernimento e decisão, através de ações que possibilitem uma análise pessoal e uma escolha consciente, resultado do fornecimento de elementos e de instrumentos que são colocados à disposição.

Ser proactivo, paciente, persistente, positivo, são algumas das qualidades que um formador deve ter enquanto transmissor de conhecimentos, ou seja, deve:

- estabelecer ligações mantendo o entusiasmo na formação, ajudar nas dificuldades numa atitude positiva;
- identificar dificuldades, e agindo sempre que necessário junto do formando, devendo ser proactivo na sua postura;
- compreender as necessidades dos formandos, interagindo e estabelecendo as alterações necessárias, ajustando o curso na medida do possível, ou seja, deve ser paciente com as dificuldades de cada um;
- manter sempre o foco da formação no essencial.

As boas ou más atitudes que podemos ter no relacionamento com o outro, vão influenciar todo o processo e respetivos objetivos. Refletem-se forçosamente na nossa vida e naqueles que nos rodeiam.

Podemos dividir em vários pontos alguns aspetos fundamentais que possam promover a cordialidade entre duas pessoas. São aspetos bem simples, porque a complexidade que muitas vezes promovemos nas nossas relações já é suficiente para, em muitos casos, prejudicarmos essa mesma relação. Mas é a importância da relação entre formador e formando à qual se deve prestar atenção. Porque daí resulta a boa ou má formação que será ministrada.

Podemos dividir em simples processos os aspetos fundamentais da relação entre duas pessoas, e no fundo da relação entre formador e formando:

1. Falar diretamente

Falamos diretamente, somos sinceros. Nada mais agradável do que uma palavra de saudação. "Quebrar o gelo" é tão fundamental no relacionamento, como a necessidade que temos de nos alimentar.

2. Sorrir

Sorrir. Um simples gesto. Um gesto de simplicidade, de humildade. Trazer o outro para o nosso lado. O poder do sorriso é grande, e saber sorrir é algo muito importante.

"Não critique, ajude; não grite, converse; não acuse, ampare e... não se irrite, sorria"



3. Chamar pelo nome

Somos únicos entre muitos. É o nome que nos diferencia dos outros e do qual nos orgulhamos. Tratar o outro pelo nome implica demonstrar que nos preocupamos, que nos interessamos, que nos debruçamos algum tempo em conhecer o outro.

4. Ser prestativo

Ajudar na formação do outro é interessarmo-nos pelas suas necessidades. Sobre tudo é a generosidade e o desejo que devemos ter para ajudar os outros. O papel do formador é um trabalho complexo, cheio de responsabilidades, mas muito gratificante para os que se empenham em fazê-lo bem feito. "Não chega fazermos o nosso melhor. Por vezes temos de fazer o que é necessário"

(Winston Churchill)

5. Ser cordial

Ter prazer no que se faz é meio caminho andado para a motivação de quem está à nossa volta. Em tudo o que se faz deve-se fazer com toda a sinceridade, com prazer.

6. Interessar-se

Interessar-se sinceramente pelos outros, respeitando as suas limitações.

7. Ser generoso

Para viver bem é importante manter as relações em clima de reciprocidade e harmonia. Saber elogiar é saber que nos interessamos por aquilo que o outro faz. Implica que mantemos o interesse, que prestamos atenção nas atitudes, e valorizamos o que de bom aconteceu. Elevamos a autoestima de quem nos rodeia.

8. Preocupar-se com a opinião

Saber ouvir é uma das qualidades mais importantes que uma pessoa precisa de ter para poder compreender melhor o outro ser humano que está à sua frente, sem julgamento e sem crítica. É uma questão de maturidade emocional o facto de saber falar e ser ouvido.

9. Procurar agradar

O que realmente vale na nossa vida é aquilo que fazemos aos outros.

Simples, humano. Tal como o ato de respirar.





Depoimentos de Formadores

Para educar uma criança é preciso uma aldeia inteira.¹

Matilde Santos
Mocho paciente

A sabedoria popular expressa através de provérbios a experiência que vive e que reflete ao longo de anos e anos. Sirvo-me deste belíssimo provérbio africano como ponto de partida e, quem sabe, de chegada desta breve reflexão.

A ideia de aldeia inteira significa o contexto social que educa cada criança, e este contexto social traduz-se em pessoas, em rostos, em histórias e experiências humanamente compreensíveis, que se vivem numa diversidade de relações; e, simultaneamente, significa a “coesão de uma comunidade que respeita e faz respeitar as suas leis”².

Só que hoje, na nossa sociedade ocidental, as coisas já não se passam bem assim. A comunidade educativa fragmenta-se, organiza-se em compartimentos estanques, por vezes até contraditórios, passando automaticamente a ser substituída pela “anónima e poderosíssima e subtilmente perversa aldeia global. É ela que nos diz no que devemos acreditar e o que devemos desprezar, o que escandaliza e o que, pelo contrário, deve merecer o nosso aplauso. É ela que nos impõe a certeza de que, sem a posse de alguns objetos determinados, resvalaremos para o grande mar dos zés-ninguéns. Como é natural, tudo acontece de uma forma democrática, desprovida de obrigações. Na verdade, para evitar rebeliões, temos de estar convencidos de que somos sempre nós – e só nós – que escolhemos. Mas será mesmo assim?”³.

O escutismo, desde a sua génese, aponta estas duas premissas: educar integralmente cada rapaz e cada rapariga na sua individualidade, e fazê-lo em comunidade. Por isso, no meu entender, a melhor definição para agrupamento é a de «comunidade educativa». Comunidade porque possibilita o estabelecer e a vivência de relações intergeracionais, a partilha de percursos de vida, o crescer aprendendo também com as experiências e conhecimentos de outros, crescer esse propulsionado através de projetos comuns que, ao saírem da esfera pessoal, se tornam mais viáveis e mais possíveis. Educativa porque, na sua ação com intencionalidade, aponta caminhos, conduz, transforma os obstáculos em desafios, e das regras que impõe ajuda a nascer homens e mulheres verdadeiramente livres. Tudo isto cimentado com uma cola que se chama fraternidade (que é outra forma de dizer amor). E basta fazer escutismo, escutismo genuíno, para que isso aconteça. Nada de novo até agora. Mas há chaves de leitura que não se podem esquecer, e esta é uma delas, correndo o risco de estarmos a ler o memo livro e a contar histórias diferentes.

E para educar e formar um adulto, será igualmente preciso uma aldeia inteira?

Sempre encarei a formação de adultos de forma positiva. Possibilitar oportunidades aos adultos de se formarem é, antes de mais, reconhecer-lhes (a esses adultos nos quais se incluem os formadores) valor e capacidade para tal. Aliás, a primeira atitude, aquela que está (tem de estar) na génese de qualquer ação de formação, seja de curta, média ou longa duração, é a do respeito para com o(s) formando(s) e para com o(s) formador(es) que nela vão participar. Respeito e fraternidade que se manifestam de múltiplas formas:

- no prévio estabelecer de critérios de seleção e de avaliação e na sua aplicação de forma clara, objetiva e transparente;
- na preparação atempada das sessões de formação nas suas diversas vertentes (logística, pedagógica, animação, etc.);
- na preparação séria e honesta por parte dos formadores das tarefas que lhes cabem, sejam de organização ou sejam de animação de unidades de formação ou sejam de direção, etc.;



- no grau de rigor, de exigência e de assertividade com que se abordam os mais diversos temas e conteúdos;
- na relação franca e leal entre formador e formando sobre o que o CNE espera do adulto como dirigente e sobre o que o CNE tem para oferecer a esse adulto;
- na assunção plena das responsabilidades de direção e de qualificação.

Estas são algumas, entre as muitas tarefas ligadas à formação, que não pretendem aqui e agora ilustrar como se organiza uma ação de formação ou um curso, mas antes alertar para o facto de que todas elas, para além de evidenciarem conhecimentos e competências (ou, na pior das hipóteses, a sua ausência), são (devem ser, têm de ser) também, e antes de mais, expressão de atitudes. E estas atitudes só se vivem em comunidade.

Não concebo formação de adultos no CNE fora do contexto de comunidade. Comunidade formada por pessoas com rosto, com opinião, com sentido crítico, com espírito de serviço, com noção do bem comum, com histórias e percursos de vida, com fé. O que um adulto dá de melhor aos outros, seja formador ou seja formando, é o que dá de si mesmo e do seu tempo de vida. Curiosamente, “coisas” que a aldeia global desvaloriza ou nega mesmo, pois obriga-nos, se nós deixarmos, a sermos escravos do anónimo e do tempo. Cabe-nos a nós, formadores, ser sentinelas do futuro, alicerçados na razão, no espírito e no compromisso.

Têm lugar aqui as palavras esclarecidas e esclarecedoras de Enrique Rojas⁴: “Cada homem é uma promessa, e para que esta se torne realidade é necessário lutar consigo mesmo. Para isso necessitamos de um modelo de identidade, um esquema referencial atrativo, sugestivo, com força capaz de arrastar nessa direção. O homem das décadas vindouras será profundo, moralmente forte e coerente na sua vida. Um homem que não se derruba com o passar dos anos, não se desvanece perante as mudanças e as modas. Exercitará o espírito e a razão, o pensamento e uma cultura universal, cultura acima de pré-juízos e convencionalismos que a aprisionam em muitas direções. Frente ao homem light, sem perspectivas, proponho o homem comprometido e com perspectivas ante o futuro. Este que, com a sua própria vida, é um incentivo exemplar para os outros, exemplo vital de teoria e prática. (...) Temos que dotar a nossa vida de valores fortes e convincentes, porque é evidente que o homem light é transitório, passageiro e tem pouco poder de convicção se soubermos ser críticos para com a sua mensagem, não nos entregando em seus braços de forma gregária.”

Fazendo uso da nossa capacidade extraordinária de falarmos a linguagem simbólica, sirvo-me da vela para partilhar convosco a minha perspetiva do que é ser formador no CNE inserido em comunidade. A primeira imagem da vela é a da verticalidade para que possa cumprir a sua missão. Suspensa no alto está a chama, e é pelo gastar-se a si própria continuamente que a vela se transforma em luz. E tudo isto em silêncio!

(1) Provérbio africano

(2) Susanna Tamaro, Cada palavra é uma semente, Editorial Presença, Lisboa, 2004

(3) idem

(4) Enrique Rojas, O homem light, Gráfica de Coimbra



Naquele tempo...

Páscoa, o itinerário da esperança

Pe. Renato Poças

Cão pastor

Assistente Regional do Porto

A Páscoa é, para os cristãos, o cume de toda uma caminhada de vida espiritual e litúrgica que nos convida, ano após ano, a elevar o olhar e a focar o invisível. Diante de Tomé, Jesus Cristo Ressuscitado deixou estas simples, mas motivadoras, palavras: *“felizes os que acreditam sem terem visto”*. Pois sejamos, então, felizes por procurar incansavelmente o que está oculto, por retirar os véus que cegam os nossos olhos e as atrofias que prendem as nossas pernas e braços. Não nos resignemos perante um sepulcro, mas fiquemos incomodados e impacientes pois *“Ele não está aqui, Ressuscitou como havia dito”* (Mt 28, 5-6).

É na tentativa de melhor aprofundarmos este espírito pascal que nos propomos, de uma forma muito humana, percorrer os primeiros instantes que se seguiram à Ressurreição. A partir deles gostaríamos de propor um itinerário que seja verdadeiro e imbuído da esperança que nos identifica, a esperança cristã. Usaremos nesta reflexão o Evangelho de Mateus.

Após três anos de convivência próxima com Jesus, de um profundo encantamento pela sua pessoa e sua mensagem, eis que chegam a um momento profundamente dramático: *“e dito isto expirou”*. Podemos afirmar que os discípulos seguiram Jesus, acreditaram que era o Messias precisamente por este nunca *“expirar”*, nunca fraquejar na sua verticalidade e fidelidade ao Pai. As trevas preencheram toda a terra como nos indicam as escrituras, mas foram, com certeza, mais escuras e densas as que ocuparam os corações dos discípulos. A força, a coragem, a vontade, animadas pela esperança esvaíram-se das suas vidas. O mal irremediável da humanidade, a morte, decretou a sentença última. O Messias, morreu. Perante este facto ficou apenas medo. Medo da morte, medo do futuro, medo da cruz.

As mais perseverantes vão ao sepulcro de manhãzinha cedo. Foram ao encontro de um corpo inanimado para lhe prestarem cuidados. Ao chegarem ao sepulcro não o encontram. Em vez dele surge um anjo que lhes disse: *“Não tenhais medo. Sei que buscais o crucificado, não está aqui, pois ressuscitou, como havia dito. Vinde, vede o lugar onde jazia e ide depressa dizer aos seus discípulos”* (Mt 28, 5-6).

Este é o itinerário que Deus nos propõe e que devemos relembrar de forma viva e intensa no tempo pascal. Dividiremos este itinerário em alguns momentos distintos:

- 1º Não tenhais medo.
- 2º Sei que buscais o crucificado.
- 3º Não está aqui.
- 4º Ressuscitou como havia dito.
- 5º Vinde, vede.
- 6º Ide.

Nestas seis ações se condensa toda a nossa identidade cristã. Tentaremos percorrer uma a uma.

“Não tenhais medo.”

Este é o mais forte dos instintos que possuímos e que nos garante a sobrevivência. Perante uma situação de perigo o medo assume o controlo e, perante ele, apenas duas saídas são possíveis: fugir (evitar o problema), ou lutar (vencer o perigo). O anjo disse às mulheres para não terem medo. Se o medo dominasse o seu pensamento diante do sepulcro elas ou fugiriam dele, ou iriam procurar incansavelmente o crucificado. Deus criou uma nova saída para o medo. Já não é preciso fugir, nem lutar; é preciso confiar. A confiança afasta o medo e confirma a sobrevivência. A primeira atitude de um cristão perante os perigos da vida é, então, a confiança. Confiança em Deus.

“Sei que buscais o crucificado.”

Deus sabe perfeitamente o que buscamos. Buscamos sempre o que conhecemos, o que vimos, o que dominamos, o que temos gravado na nossa memória. Resumidamente, *“buscamos”* e repetimos o passado tornando-o presente. O crucificado é o passado; as mulheres, naturalmente, vão à procura dele. Deus é então o futuro. Aquele que devemos buscar, apenas Ele sabe o que vem a seguir. Daí a importância da escuta, da humildade e da obediência ao Pai. Só Ele sabe o que é bom para nós.

“Não está aqui.”

Esta deve ter sido a afirmação que mais custou ouvir. Se não estava ali, onde estaria? Um sepulcro vazio ainda é mais doloroso que um corpo morto. Foram à procura de Jesus e encontraram o sepulcro vazio. Esta é a caminhada de cada cristão. De uma forma ou de outra todos damos de frente com este vazio. O nada da nossa vida ainda faz sofrer mais que um momento triste. Porque da tristeza sabemos como sair, mas do vazio não. Do nada, nada pode surgir. Esta é a frincha pela qual Deus espreita a nossa vida. É pois neste vazio de humanidade, vazio de nós mesmos, que Deus ocupa o seu verdadeiro lugar. Na consciência é nosso dever deixar livre a cadeira que pertence a Deus.

“Ressuscitou como havia dito.”

Afinal, Jesus não mentiu. Não perdeu a luta. Não foi incoerente. Ele disse que havia de ressuscitar e cumpriu a promessa. Esta é a primeira das alegrias. O capítulo que a cruz veio interromper afinal tem continuidade. Deus tomou o vazio do homem, o sepulcro, e dele fez renascer a vida, ou seja, dele criou a plenitude. A árvore que em tempos sustentou o fruto da perdição, na cruz foi refeita, recuperada, recriada e passou a sustentar o fruto da salvação.

“Vinde, vede.”

O anjo não se recusa a explicações. Não está em causa uma mentira muito bem elaborada, uma ilusão bem planeada. Está em causa a verdade e essa deve ser vista e revista por cada um de nós. O sepulcro vazio não deixa dúvidas. Este é o convite que Deus nos faz para participarmos no seu abundante banquete – Vinde, vede. Eis como Deus se revela. Ele mostra-se a quem O procura. Convida cada um dos seus filhos a reconhecê-lo como Pai. Este é o chamamento de Deus, Vinde. Esta é a nossa primordial vocação, ir até Deus.

“Ide.”

Podemos nós ficar parados depois desta notícia? Pode o homem barricar a superabundância de Deus? Não. Seremos sempre vencidos por Ele. Aqui residem a beleza e amplitude da esperança cristã. Deus ampara as nossas fraquezas, agarra as nossas cedências, carrega os nossos pecados e com força de Pai eleva-nos até Ele. Podiam as Santas Mulheres ficar iguais depois de toda esta BOA NOVA? Não. Pois também nós não podemos.

“Afastando-se rapidamente do sepulcro, cheias de temor e de alegria, as mulheres correram a dar a notícia aos discípulos” (Mt 28, 8).

Este é o grande desafio. Afastemo-nos da morte. Fugamos rapidamente do sepulcro, não por medo, mas porque é preciso dizer aos outros que Ele está vivo. Os sentimentos que encheram os corações daquelas mulheres foram o temor e a alegria. Estes são os sentimentos de um verdadeiro cristão. Tememos a vida, tememos o futuro, tememos o fracasso, mas caminhamos alegres com Cristo Ressuscitado. O tempo pascal recorda-nos, mais intensamente, esta verdade. Não fiquemos parados no vazio, deixemo-nos encher por Deus e corramos a dar a notícia aos nossos irmãos.



Bibliografia

A sustentabilidade do planeta

Joseph Ratzinger

José Carlos Pinheiro
Mocho Peregrino



Num tempo, que é o presente que vivemos, todos, de forma geral, são convidados a refletir sobre a sustentabilidade do planeta. Fundados nos Princípios, na Lei do Escuta que prometemos cumprir no dia da nossa Promessa e pelo Código de Gilwell que adotamos como nosso ao assumir a Missão de Formador no CNE, certeza que o tema nos merece amadurecida reflexão.

Nesse sentido, o livro da Coleção Mínima Teológica, cujo título é A SUSTENTABILIDADE DO PLANETA, aparece-nos como uma excelente oportunidade, porquanto proporciona uma abordagem interdisciplinar, cujos autores abraçam as áreas da Gestão, da Economia, das Artes, Educação, Filosofia e da Teologia.

Ao folhearmos o livro encontramos diversas formas de interpretar a questão da sustentabilidade.

Se por um lado Yolanda Espiña¹ advoga que o

conceito de sustentabilidade e desenvolvimento deve ser aliado ao conceito de progresso, de outro modo Isabel Baptista² diz-nos que o conceito de sustentabilidade se deve subordinar às exigências de solidariedade e justiça, enquanto valores matriciais da utopia do humano.

Já Jorge Cunha³ discute a questão da sustentabilidade sob o ponto de vista da ética teológica e também ele evidencia a importância da dimensão da temporalidade. Conceição Soares⁴ também defende uma visão menos antropocêntrica da realidade. Defende que em vez de desenvolvimento sustentável se deveria falar em vida sustentável.

Nuno Martins⁵ centra a sua discussão numa perspetiva económica e começa por comparar a teoria do valor dos clássicos com a teoria do valor que se seguiu à revolução marginalista, sendo depois abordadas as diferentes concepções da sustentabilidade e desenvolvimento.

Helena Gonçalves⁶ reconhecendo que apesar da necessidade de parcerias entre a sociedade civil, o sistema público e o sistema privado, algumas empresas estão já no rumo da sustentabilidade. Com o seu texto, procura responder a algumas questões, das quais deixa em aberto a seguinte: qual o papel e contributo de cada um de nós no nosso "futuro comum"?

A sustentabilidade diz respeito a todos nós! Esperemos que estes breves excertos vos tenham aguçado o apetite...

Boa leitura! ...

(1) Escola das Artes da UCP, Porto

(2) Faculdade de Educação e Psicologia, UCP, Porto

(3) Faculdade de Teologia da UCP, Porto

(4) Faculdade de Economia e Gestão da UCP, Porto

(5) Faculdade de Economia e Gestão da UCP, Porto

(6) Faculdade de Economia e Gestão da UCP, Porto



Agenda

Planos Regionais de Formação para o ano escutista 2011 / 2012

Região BRAGA

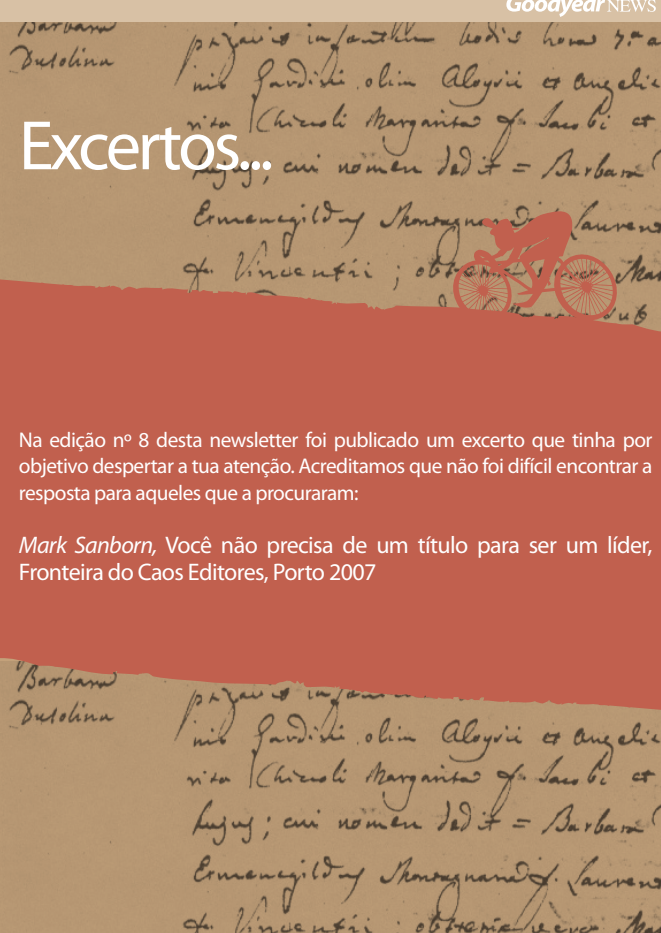
2 CI's 1º semestre 2º semestre Fraião	8 CIP's 4 - 1º semestre 4 - 2º semestre Fraião
CAP I 1º semestre (em conjunto com a Região do Porto) Fraião	CAP II 1º semestre (em conjunto com a Região do Porto) Fraião
CAP III 1º semestre (em conjunto com a Região do Porto) Fraião	CAP IV 2º semestre (em conjunto com a Região do Porto) Fraião
GAF 2º semestre Fraião	CAL 2º semestre Fraião

Goodyear NEWS

Excertos...

Na edição nº 8 desta newsletter foi publicado um excerto que tinha por objetivo despertar a tua atenção. Acreditamos que não foi difícil encontrar a resposta para aqueles que a procuraram:

Mark Sanborn, Você não precisa de um título para ser um líder, Fronteira do Caos Editores, Porto 2007



Nota Informativa

Apresentação da nova rubrica da Newsletter Goodyear: "Para lá da cerca"

Carlos Nobre
Castor inteligente

"Cerca é o termo próprio com que, na tradição monástico-religiosa e, em particular entre os monges beneditinos, se designa o espaço à volta de uma casa de religiosos, devidamente rodeado por muros, os muros da cerca ou da clausura. A cerca delimita a propriedade e como que estabelece uma espécie de barreira entre o interior e o exterior, entre a religião e o mundo, entre o barulho e o silêncio, quer num mosteiro de monges, quer num convento de frades, sobretudo numa casa de religiosos de clausura."¹

A cerca é este espaço fechado, reservado, às vezes impenetrável, que é usado tanto para o esparecimento e recreio, de convívio, de trabalho, para o cultivo e sustento, como também para a contemplação. É um jardim fechado, uma espécie de paraíso, como o "éden perdido"... Na cerca estão todos resguardados de olhares profanos e indiscretos, onde a sua tranquilidade permite juntar o humano e o divino, o material e o espiritual. Na cerca, isto é, dentro da cerca, todos seguem as mesmas regras, os mesmos princípios e vivem segundo os mesmos valores.

Pretende a "Goodyear" com esta nova rubrica, que se possa sair da "cerca do CNE", e permitir que outros, de fora, com olhares diferentes, porventura até críticos da nossa "cerca", nos possam dar os seus contributos, nos possam iluminar com o seu saber, nos possam ajudar a pensar a nossa ação,

nos rasguem caminhos de modernidade, de reflexão e de cogitação das realidades com as quais vivemos e nos confrontamos diariamente como formadores de educadores de crianças e de jovens.

Os textos que se publicarão nesta rubrica serão originais, expressamente escritos para a newsletter Goodyear. Esperamos que estes textos se possam vir a constituir referências para o CNE e inclusive possam também ser usados nas nossas ações de formação. Ou, tão só... para ler, ouvir, pensar, meditar...

(1) Geraldo José Amadeu Coelho Dias, OSB in Tibães – O Encanto da Cerca, o Silêncio dos Monges e os Últimos Abades Gerais dos Beneditinos, 2010



CORPO NACIONAL DE ESCUTAS
Escutismo Católico Português



Equipa Nacional dos
Adultos

www.cne-escutismo.pt

GoodyearNEWS

Equipa Goodyear:

Carlos Nobre, Matilde Santos,
José Carlos Pinheiro, Fernando Andrade.
Design gráfico: Pedro Botelho

goodyear@cne-escutismo.pt

Colaboraram nesta edição:

António Rendeiro (Região de Lisboa)
Carlos Nobre (Região do Porto)
João Costa (Região de Setúbal)
José Carlos Pinheiro (Região do Porto)
Matilde Santos (Região do Porto)
Nuno Silva (Região de Lisboa)
Renato Poças (Pe.) (Região do Porto)
E a participação especial de D. Jorge Ortiga – Arcebispo
Primaz de Braga

